

APONTAMENTO

Edifício onde vai funcionar a Faculdade de Arquitectura, que abre este ano.

UNIVERSIDADE

Tempo de mudança

Texto de Teresa Sá Nogueira

Fotos de Arquivo

II PARTE

Além do início das aulas em Julho e da abertura da Faculdade de Arquitectura, a novidade maior para este ano é a reabertura da Faculdade de Direito. «Mas ainda só parcialmente, para os alunos que interromperam o curso em 1983 — explica o dr. Mouzinho Mário. — Esses estudantes tinham sido distribuídos por postos de trabalho relacionados com a carreira jurídica, mas vão voltar agora às salas de aula. Em Julho de 1987 a Faculdade, abrirá então as suas portas aos alunos do 1.º ano lectivo».

A formação básica dos estudantes é uma das preocupações dos professores da UEM. Conforme explica o dr. Mouzinho Mário, quase todos os jovens trazem uma preparação deficiente, que irá agora ser nivelada no decorrer do 1.º semestre. «Daremos algumas disciplinas comuns aos ramos A e B, como Matemática, Física, Química, Inglês, Desenho ou Biologia.

Sobretudo o muito importante é ensinar o nosso jovem a raciocinar, a fazer trabalhos práticos, a usar a sua cabeça, a pesquisar».

Vindos das escolas pré-universitárias, os nossos estudantes estão mais habituados a «empinar» as matérias do que a raciocinar.

Agora vão ter de aprender a caminhar sozinhos, a estudar a sério. O que nem sempre é fácil, da-

do que nem todos eles tiveram a mesma formação e as mesmas origens. Como fez notar Luísa Chadraca, responsável da Divisão dos Assuntos Estudantis, os nossos alunos de hoje são quase todos provenientes das províncias, filhos de operários e camponeses. O seu número é quase igual ao que era, em tempos coloniais.

«Só que os pais desses meninos que estudavam, nessa altura, eram outros. Estavam aqui. Os nossos, de agora, têm os pais na aldeia».

INVESTIGAÇÃO

Geralmente três ou quatro anos depois da sua formatura, o estudante moçambicano é enviado para fora, para cursos de pós-graduação. «Não temos condições materiais nem humanas para os garantir aqui», diz o eng.º Carmo Vaz. «E já está provado que o

curso será mais efectivo se o estudante já tiver tido contacto com problemas práticos, na sua área de trabalho».

Na Engenharia, a investigação tem sido bastante limitada por falta de verbas e de quadros adequados». Só agora temos quadros moçambicanos — explica o director daquela Faculdade. Mas engenharia é um curso caro, precisa de apoio de laboratórios e de oficinas. E nós nem sequer temos laboratório, utilizamo-nos do que pertence ao Ministério da Construção e Águas».

Apesar disso, a investigação está a fazer-se nas áreas da gestão de recursos hídricos e de materiais de construção, na metalurgia e na indústria do açúcar. Trabalham também num projecto de gaseificação da carcaça do coco, em colaboração com a Boror/Macuze, para a utilizarem como combustível.

Em Agronomia, os programas de investigação mais antigos ligam-se à cultura do amendoim. Faz-se também um levantamento das culturas existentes na faixa costeira do sul e no sector florestal, em Messica, em contacto com a IFLOMA.

«A nossa investigação situa-se em 4 frentes — explica o eng.º Carmo Vaz — a do ensino qualificado, a do corpo docente nacional, a de ligação ao sector produtivo e a que responde a problemas concretos do país».

«Mas há ainda uma 5.ª vertente — lembra o prof. Rodrigues Pereira — a de que tudo isso se possa ligar ao conhecimento científico mundial».



Luísa Chadraca, além de responsável pelos sectores de Registo Académico, Bolsas e Desporto, funciona como uma espécie de «porto de abrigo» para os alunos da UEM. Quando têm problemas vêm ter com ela

Não estamos isolados no mundo. Absorvemos para contribuir.

REGISTO ACADÉMICO

Luísa Chadraca tem a seu cargo três sectores vitais dentro da UEM: o do registo académico, o de bolsas e o do desporto e recreação.

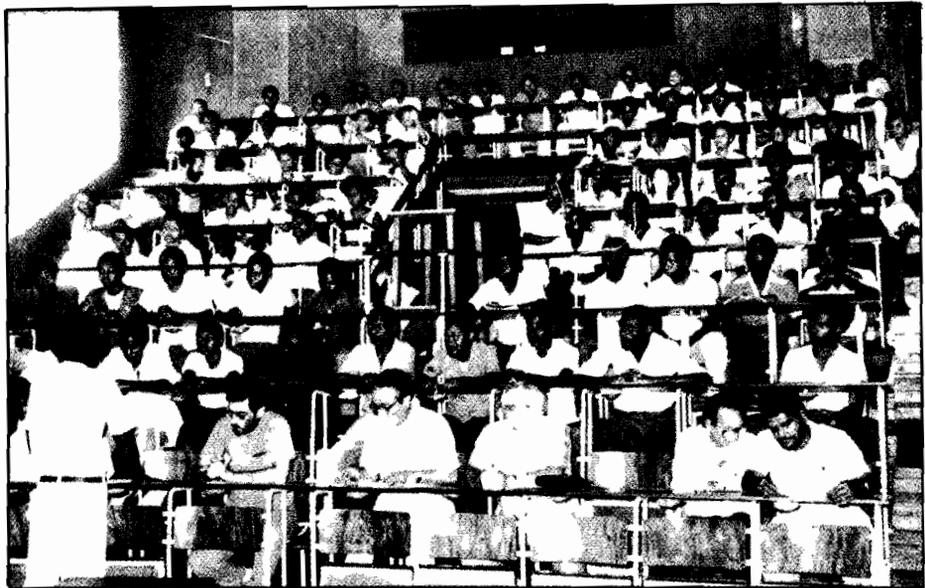
Tudo quanto diga respeito a matrículas e ao processo da vida do estudante dentro da Universidade é com ela. Certificado, diploma, bilhete, propina, autorização, papel, tudo passa pelas suas mãos. E não só a burocracia: Luísa é uma espécie de conselheira e de assistente social para os «seus meninos».

«Não é só fazer as matrículas

No «currículo» actual, passa-se em bloco. Com mais de duas reprovações, tem de se repetir o ano.

«Se for bolseiro, deveríamos ter de lhe cortar a bolsa. É um problema grande. Mas não podemos cortar-lhe o alojamento nem a alimentação, sem estudar o seu caso. Reduzimos-lhe a bolsa, o que não resolve a situação. Depois há alunos que chegam aqui e choram, porque os bandidos lhe raptaram os pais e os irmãos. Eu tenho de ajudar a resolver. Há dias morreu um estudante de Quelimane. Tive de enviar o seu corpo para os pais».

Luísa conta-nos o caso de um aluno da Faculdade de Educação a quem assaltaram a sua aldeia e mataram toda a família. Sobraram



Um dos anfiteatros da UEM

— desabafa-nos — mas é preciso atender a todos os seus problemas, estudantis e pessoais. É preciso alojá-los, ver o que precisam, se têm dificuldades, se precisam de apoio. Os nossos jovens são quase todos provenientes das aldeias, filhos de camponeses, que produzem exclusivamente para comer. Alguns já estiveram internados em centros. Como não têm família em Maputo, temos que os alugar. Só temos 3 residências masculinas e uma feminina, não chegam para nada. E o número de estudantes cresce todos os anos».

O jovem que chega pela primeira vez a Maputo enfrenta sempre graves problemas de adaptação, que se reflectem nos seus estudos.

apenas dois sobrinhos pequenos, que andaram perdidos até o localizarem. «Ele tinha uma bolsa pequena, mas não hesitou. Veio ter comigo, cheio de entusiasmo e pediu que o deixássemos fazer estágio na Josina, porque precisava de sustentar os meninos. Conseguimos arranjar-lhe umas roupas e uns sapatos e já começou a trabalhar».

É também com entusiasmo que Luísa nos mostra um telex acabado de chegar de Lisboa: diz que o engenheiro moçambicano João Salomão defendeu a sua tese na Universidade do Minho e foi aprovado

por unanimidade, com distinção e louvor.

BOLSAS

Conforme explicou Luísa Chadraca, a formação de cada aluno na Universidade (não bolseiro) custa ao país cerca de um milhão e trezentos mil meticais. Para agravar o problema, neste momento mais de 45 por cento dos estudantes moçambicanos são bolseiros, pois as suas famílias não têm possibilidades de os manter, ou de custear os seus cursos.

«Quando chega, o jovem preenche um impresso onde indica a situação social da sua família. Se o seu agregado não tem 1500,00 MT «per capita» — e poucos têm — ele recebe a bolsa. Se tiver família em Maputo, não precisa de alojamento. Mas quase nenhum tem».

Uma bolsa completa inclui uma mensalidade de 500 MT para alojamento em residência, 2100 para alimentação no «Self», 1000 para transporte e despesas pessoais e ainda mais 10 000 MT por semestre, para roupa e livros.

«Este ano — diz Luísa Chadraca — fizemos palestras para lhes explicar o que é uma bolsa, o sacrifício que representa a sua formação. Os professores são quase todos estrangeiros e quanto mais docentes tivermos, mais caro se torna o curso. Há que sensibilizar os alunos para tudo isto. Se reprovam ou se andam que nem cacóis, cortamos ou reduzimos-lhes as bolsas. E temos também os jovens de Marracuene, Boane e Matola-Rio a alojar este ano. Por motivos de segurança, não conseguem ir dormir a casa. Um problema sério».

Luísa também tem a seu cargo os estudantes que estão fora do

Nos primeiros jogos interuniversitários africanos de 1983, os jovens da UEM conquistaram o 2.º lugar em basquetebol e trouxeram esta taça. Em futebol ficaram em 2.º lugar. Na opinião de Luísa Chadraca, houve «canganhiga» no caso. «Eles mereciam ter ficado melhor classificados»...



país. «Há dois níveis de bolseiros lá fora — explica — os que fazem aqui o pré-universitário e depois o curso inteiro lá fora, e os de pós-graduação. E não tenho tido problemas: estão todos eles a regressar. Agora vamos receber muitos jovens já formados na RDA, na Checoslováquia e na URSS».

Quando um aluno conclui aqui o seu curso, a Universidade manda o seu nome à Comissão Nacional do Plano, para que o coloque. Este processo, conforme explica a responsável dos Assuntos Estudantis, é quase imediato: «No dia 7 de Janeiro deste ano tivemos alunos que já puderam levantar as suas guias. Aqueles que querem começar a trabalhar logo, podem fazê-lo. Depende deles. Outros há que preferem ter um período de férias para descansar».

DESPORTO

A UEM já conquistou uma taça com um 2.º lugar num campeonato de basquetebol em Lusaka. Luísa conta como foi:

«Havia desporto em todas as Faculdades, mas bastante desorganizado. Em 1983, recebemos um professor de Educação Física e lo-

go a seguir um convite para participar nos primeiros jogos interuniversitários africanos, em Lusaka. O convite veio da ECSAUSA, que é uma Associação do desporto universitário da África Central e Austral, com sede na Zâmbia. Fizemos uma selecção entre os melhores desportistas das nossas faculdades e lá fomos. Ficámos em 2.º lugar no basquetebol e em 3.º no futebol».

Segundo Luísa Chadraca, se não fosse ter havido «canganhiga», melhor lugar poderíamos ter conseguido. «Mas mesmo assim foi bom, a taça é muito bonita».

Em 1985 a Educação Física foi introduzida nos currículos do 2.º ano. Cada aluno escolhe aquilo que mais gosta de praticar, dentro das opções existentes: futebol, basquete, vôlei, andebol, atletismo, karate e ténis de mesa. Há jogos entre universidades e também desporto de alta competição, nas modalidades federadas. O ano passado a UEM ficou na II Divisão, em futebol.

«O nosso maior problema — queixa-se Luísa — é a falta de equipamento. O estudante não tem posses para se equipar, não há materiais no mercado nacional, a Universidade também não tem verba em divisas. É um problema sério».

Para o superar, Luísa Chadraca pensou em fazer permuta com outras Universidades. «Já convidámos Universidades de fora para virem jogar connosco. Há um contacto com a Associação Universitária da Holanda, parece que estão interessados em fazer permutas connosco, pensamos que poderão vir cá este ano».

Outra solução é a de alugar o pavilhão desportivo do campo universitário a clubes, como o Estrela Vermelha, em troca da utilização dos seus campos para treino. «Temos muito terreno, mas faltamos material de construção para os campos — lamenta Luísa. Depois, quando pagam o nosso pavilhão, sempre ficamos com algum dinheirinho para comprar uma toranjinha para matar a sede dos nossos estudantes...».

N.R. — As alterações à organização universitária referidas neste texto, e na sua primeira parte publicada na semana passada, dizem respeito a mudanças introduzidas antes da recente nomeação de novo Reitor para a UEM.



O jovem que chega pela primeira vez a Maputo enfrenta sempre graves problemas de adaptação, que se reflectem nos seus estudos